

DA GULA ALIMENTAR À TECNOLÓGICA: REFLEXÕES REDUTORAS DE DANOS DIANTE DA SOCIEDADE DO CONSUMO

FROM FOOD GLUTTONY TO TECHONOGICAL GLUTTONY: HARM REDUCTION AND THE CONSUMPTION SOCIETY

Francisco José Figueiredo Coelho⁵⁹

Georgianna Silva dos Santos⁶⁰

Maria de Lourdes da Silva⁶¹

Resumo

Uma característica da juventude atual é a frequente aquisição de novas tecnologias para informação e comunicação para diversas finalidades. Essa nova relação com as tecnologias digitais e com as mídias podem ocorrer dentro de relações estáveis ou produzirem cenários de desequilíbrio e alienação. Partindo do conceito histórico e social do termo gula, trazemos um novo conceito, o de gula tecnológica. Nesse caminho, a partir desse constructo, são discriminadas relações com a sociedade do consumo e suas relações com o desejo cada vez mais intenso de possuir novas tecnologias. A partir desta ótica, o artigo sublima aportes teóricos e conceituais que oferecem um cenário de reflexão sobre uma educação para as tecnologias que considere a gula tecnológica como fenômeno real e preciso na sociedade contemporânea. Nessa lógica, brotam argumentos para se pensar uma educação para a gula tecnológica, pautada no enfoque pedagógico da Redução de danos.

Palavras-chave: Educação para as tecnologias. Gula tecnológica. Redução de danos. Sociedade do consumo.

⁵⁹ Licenciado em Ciências Biológicas (FFP/UERJ/2003). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da EaD (LANTE/UFF) e em Educação de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão Social (NUEC/UFF). Mestre em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde (NUTES/UFRJ/2006). E-mail: ensinodociencias.ead@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1522-2995>

⁶⁰ Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Mestrado e Doutorado em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde - EBS/FIOCRUZ/RJ. Atualmente sou professora substituta da Universidade Federal do Piauí (DMTE/CCE-UFPI). Integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)(CNPq) e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu. E-mail: georgiannas@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2259-7859>

⁶¹ Professora Adjunta da Faculdade de Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro na cadeira de História da Educação. Realizou Pós-Doutorado em História da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação - PROPEd/UERJ, na modalidade PNPd/FAPERJ; Doutora em História Política na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Interesses: História das Drogas; Educação para as drogas; materiais educativos(didáticos, paradidáticos); Métodos: Análise de discurso, análise histórico-crítica. E-mail: lullua2@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1188-9469>

Abstract

A characteristic of today's youth is the frequent acquisition of new technologies for information and communication for different purposes. This new relationship with communicative digital technologies and the media can occur within stable relationships or produce scenarios of imbalance and alienation that are independent of the context. Starting from the historical and social concept of the term gluttony, we bring a new concept, that of technological gluttony. In this way, from this construct, relationships with the consumer society and their relationships with the increasingly intense desire to have new technologies are discriminated. From this perspective, the article sublimates theoretical and conceptual contributions that offer a scenario for reflection on an education for technologies that considers technological gluttony as a real and precise phenomenon in contemporary society. In this logic, arguments arise to think about an education for technological gluttony, based on the pedagogical approach of Harm Reduction.

Keywords: Education. Teaching practice. Socialization. Corporeity.

*Eh, ôô, vida de gado. Povo marcado, eh
Povo Feliz
(Zé Ramalho, 1979).*

Introdução

Comer é uma ação fundamental para a sobrevivência humana. Os modos como o cheiro, o sabor, a cor e a textura do que comemos mobilizam vários órgãos do sentido se misturam à oferta ou escassez do alimento, às modalidades de preparo e consumo, ao cultivo do gosto como expressão, a um só tempo, da diversidade e da desigualdade etc. dão mostras do essencial entrelaçamento do biológico/fisiológico com o sociocultural nas atividades humanas e do econômico (CARNEIRO, 2003).

Para Fleck e Dillmann (2021), os diferentes significados já atribuídos à gula foram e devem ser considerados em função do tempo, do espaço e das experiências culturais das sociedades a que se referem. E, mesmo no interior de determinada sociedade, a gula assumiu diferentes conotações, que se aproximam e se distanciam, se considerarmos os discursos médicos e religiosos.

Mesmo sendo atividade vinculada à eterna relação do ser humano com as necessidades de subsistência, não apenas o ato de comer, mas todo processo que recobre desde a extensão da seleção do alimento na natureza, da introdução na dieta, do cultivo, do

preparo e compartilhamento das refeições foi angariando ao longo do processo civilizatório uma miríade de significados. O esbaldar-se com comida se torna um verdadeiro deleite, como referenciado em plurais passagens bíblicas. Seja na parábola do filho pródigo ou nas profecias de Isaías sobre o fim do mundo, abater um cabrito ou um novilho mencionam o comer como fruto de uma vitória, referendando o banquete como um ato de celebração.

Para além dessas representações religiosas, o banquete é uma utopia universal, pois ele materializa o momento em que o ser humano, nutrido e saciado da fome, abstrai, graceja. O simpósio da Antiguidade Clássica (momento subsequente ao banquete, quando as pessoas conversam à mesa) se caracteriza pela “ligação entre a palavra e o banquete” (BAKHTIN, M, 1987, p. 248), uma alegoria à ação criativa e à arte, à interação social que dá a ver aquilo que anima os espíritos desses seres em momento de relaxamento do corpo e expansão do pensamento.

Na defesa dessa utopia universal, a abundância toma sentido de projeção de um futuro desejável. Libertado momentaneamente do labor, o ser humano investe na conversação, símbolo da interação social, da produção de cultura, convertendo o banquete no fenômeno da consagração da abundância e, ao mesmo tempo, do prazer. Em vários cenários de diferentes épocas é possível vislumbrar essa representação do banquete.

A linha tênue entre o excessivo e o prazeroso transforma o ato biológico de comer em acontecimento social. Ele é coletivo, gregário, festivo, libertador. A capacidade de sonhar e ter esperança são potencializados na ausência da fome, na subjugação da natureza, na superação da morte culminada no ato de devorar o mundo conquistado e vencido. Esses significados profanos da comensalidade abundante também fizeram parte do universo da Igreja medieval, que considerava sagrado o direito à recreação e ao banquete. Essa imagem universal da partilha comunitária do resultado do trabalho realizado em conjunto foi, na Era Moderna, transposta à vida privada e aos indivíduos, onde a abundância se consubstanciou em exagero, usurpação e egoísmo.

Entre o comer e o esbaldar-se há uma linha tênue. O esbaldar-se está ancorado no excesso, qualidade permanente da gula. Esta, foi bem descrita no livro *Origens sagradas de coisas profundas*, escrito pelo monge grego Evagrius Ponticus (345-399), adepto do ascetismo, doutrina filosófica marcada pela abstinência aos prazeres mundanos a fim de disciplinar o corpo e a mente. Nessa obra, a gula, bem como a avareza, a ira e outras ações

humanas, são vistas como ações pecaminosas que, no ano de 590, passaram a ser reconhecidas pelo Papa Gregório (540-604) como pecados capitais (do latim *caput* – parte superior, chefe, cabeça, líder).

Na tradição cristã, a gula teria sido o primeiro pecado capital. A partir dela, o homem se alimentou do fruto proibido, culminando em oposição ao que foi ordenado por Deus. Se num primeiro momento, a ação de comer estava atrelada ao prazer e a necessidade de sobrevivência, o “esbaldar-se em comida” – enquanto ação excessiva, individual e princípio de diferenciação e excludência – adquiriu um contorno pecaminoso e passível de punição. A partir dessa relação com o excesso, surge a imagem do **glutão**, aquele que cultua a gula.

Orientado pelo princípio da acumulação como fator de distinção, mas uma distinção ociosa e parasitária, a glotonaria abandona a aura do triunfo coletivo pelo individual, centrado no prazer em comer em excesso, desacompanhado do simpósio entre os comensais – não que o banquete desapareça, ele apenas é sobrepujado pelas forças do individualismo da **sociedade do consumo**. Nesse caso, o prazer não está no ato de comer em si, mas no deleite do consumo, que aumenta à medida que o indivíduo se esbalda (Figura 1).

Figura 1 – Pecado da gula, retratado por Hieronymus Bosch (1450 – 1516 d.c)



Fonte: <https://cidmarcus.blogspot.com/2020/01/dos-pecados-gula.html>

A chegada das especiarias à Europa maximizou o prazer à mesa. A popularização da pimenta-do-reino, cravo-da-Índia e do açúcar, por exemplo, realçando sabores e aromas, agregou valores ao alimento, nutrindo “corpo e alma”. Com o tempo, o ato de comer e se alimentar em excesso começaram a ser contestados. Especificamente no século XVII, a ideia

da gula passou a ser vista como algo desnecessário. Em outras palavras, o ato de comer passou a ser visto de forma mais equilibrada, com “bons modos” e regras. Boa parte dos manuais pedagógicos da época tratavam da educação à mesa – mesma época da popularização dos utensílios individuais, sobretudo o garfo, nas cortes europeias.

Fleck e Dillmann (2021) sinalizam que, nos séculos XVII e XVIII, a gula era tida como um pecado capital pela Igreja e como uma prática que corrompia a saúde dos indivíduos pelos médicos, razão pela qual era preocupação regular e constante nos livros religiosos e médicos, apesar de ocupar pouco espaço nos impressos publicados em Portugal à época, se comparada com outros temas. Para os pesquisadores, à gula foram atribuídos diferentes significados em um universo social coletivamente marcado pela força da crença católica e pelas concepções médicas hipocrático-galênicas, concluindo que as compreensões a respeito do comer desordenado apontavam para interesses médicos na reafirmação de seus saberes sobre saúde e doenças e interesses religiosos na revigoração de uma fé capaz de indicar prejuízos aos caminhos da salvação (FLECK; DILLMANN, 2021).

Esse comportamento moderado à mesa passa a ser visto como algo mais refinado e – embora esta mudança não implique necessariamente em alterações no corpo – a gordura é sinal de fartura, se convertendo em status de poder, como retratado nas pinturas de Sandro Botticelli, que retratavam figuras gordas com corpo abundante. Ou seja, o corpo gordo era visto como sinônimo de “fartura” e “riqueza financeira”. Mais tarde, no século XIX, a concentração populacional nas cidades, aliada às novas formas de lutas por direitos entre as classes mais pobres, assim como o esvaziamento do campo trouxeram a urgência de repensar formas de distribuição dos alimentos, entre outras questões.

Nessa lógica, estabelece-se a indústria dos alimentos com suas conservas e enlatados – uma nova etapa nas estratégias de aproveitamento da produção agrícola, prolongamento da vida útil dos alimentos com diminuição do desperdício. Também o refino dos grãos – espécie de assepsia que os tornavam livres das cascas e outras impurezas – levava às classes abastadas alimentos mais “limpos e puros” (aspas nossos). A conservação de alimentos em recipientes hermeticamente fechados, junto com a pasteurização e a refrigeração aumentaram a vida útil dos alimentos, acabaram com a escassez e permitiram, entre outras coisas, o surgimento das grandes cidades (MATTOS, 2006). É possível dizer que a

proliferação da nossa espécie nesse planeta se deve em boa medida ao fato de termos dominado algumas técnicas de produção e distribuição de alimentos.

Foi apenas no decorrer do século XX que se percebeu os perigos das técnicas de refino e conserva. Somente a partir de meados do século XX, a preocupação deixou de ser apenas comer e passou a ser “comer bem”, isto é, com qualidade e numa medida adequada. Isso nos forneceu subsídios para compreender como a gordura passou a se tornar um quadro indesejado e, por vezes, associado a processos de adoecimento e sintomas de doenças. O corpo magro, esbelto, esculpido pela ginástica (malhação) passou, portanto, a ser padrão de vitalidade, beleza e autocontrole, perdurando até os dias atuais.

Dado o caráter introdutório que assumimos nessa primeira seção (1) - ao definirmos histórica e socialmente o fenômeno da gula, na seção que segue (2) apresentaremos pontuais considerações acerca do que chamaremos de gula tecnológica e suas relações com a sociedade do consumo e, a partir de tais argumentos, ofereceremos aportes pedagógicos (3) para se pensar uma educação para a gula tecnológica, pautada no enfoque pedagógica da Redução de danos.

A SOCIEDADE DO CONSUMO E A GULA TECNOLÓGICA

Esse brevíssimo (e arriscado) histórico acerca da alimentação e da gula nos subsidia a pensar em como o ato de comer e a ingestão excessiva de alimentos tiveram significados distintos ao longo da história. Hoje, além de pecado capital, simboliza desregramento, falta de controle, incapacidade, fraqueza moral, em que pese o fato de o alimento ter se transformado em mercadoria e a indústria da alimentação se lançado à propaganda dos alimentos, tomado como outro ramo qualquer da indústria. As massivas propagandas pela televisão, pelos aplicativos de celular, em nossas caixas de e-mail e nos outdoors das avenidas não deixam dúvidas de que somos bombardeados a cada instante com propagandas que nos fazem acreditar que temos necessidade de consumir. Em outras palavras, o ato de consumir em demasia e de forma acelerada – aprendido socialmente, cabe ressaltar – se configura enquanto prática motivada pela indústria cultural soberana (ADORNO, 2021), estimulada sistematicamente pelo uso cotidiano das ferramentas tecnológicas. Haja vista que os suculentos hambúrgueres e pizzas das propagandas de

televisão ou dos anúncios do *YouTube* perturbam nosso cérebro a ponto de ficarmos com água na boca. É um não real (imagético) que nos permite sensações de prazer que cobiçam o ato de se apropriar daquilo que nos atrai. Nessa ocasião, toda energia é canalizada para a aspiração do consumo e o prazer congela-se no enfado (ADORNO, 2021). Em outras palavras, “o espectador não deve trabalhar com a própria cabeça; o produto prescreve toda e qualquer reação (...)” (ADORNO, 2021, p. 28).

A lógica perversa da indústria cultural busca neutralizar todo alento intelectual e desprover o indivíduo de toda conexão lógica, promovendo – inclusive – repentinas mudanças de humor e comportamento, fazendo-o crer na necessidade que tem de consumir imediatamente o produto. Note na figura seguinte (Figura 2), uma propaganda visual da internet, a relação afetiva que o marketing digital propõe, filiando a ideia de sabor com a possibilidade da vida se tornar mais aprazível, reavivando as tradições do banquete e da comensalidade agora deturpada pela lógica individualista e segregadora capitalista, onde a gula adquire novos sentidos. Essa figura, uma das diversas propagandas disseminadas pelas redes sociais e publicidades do Youtube, representa o teor capitalista e perverso da indústria cultural midiática, por vezes sequer sentida pela sociedade.

Figura 2 – Apelo midiático para a gula, visto com frequência nas páginas da internet



Fonte: <https://www.montarumnegocio.com/frases-para-vender-pizza/>

Amparado nas artimanhas e interfaces da indústria cultural, não é nenhuma novidade que basta consultar um aplicativo de fast-food para, tempos depois, começarmos a receber propagandas de uma compra não realizada. E isso não acontece apenas com comidas, mas com todos os produtos dos sites ou aplicativos de compras. Somos mapeados, monitorados e

temos, em certas ocasiões, a nossa privacidade surrupiada por um mercado empenhado em vender e estimular o consumo.

Não se pode negar o poder psíquico do apelo da indústria midiática que estimula o excesso e corrobora para que tomemos como necessidade uma plêiade de sentimentos e valores. A cultura, o entretenimento e a diversão dividem o mesmo espaço, justificando a hegemonia da indústria cultural sinalizada por Adorno (2021). Para o autor, as ideias de dominação, difusão e velocidade na circulação de informações estão imbricadas, sendo oferecidas pelo cardápio capitalista (ADORNO, 2021). Um bom exemplo disto está nas propagandas de tecnologias digitais. Concomitante à obsolescência programada, vivenciamos a prematura perecibilidade das coisas estimulada pelo permanente apelo às trocas (consumo sucessivo) em função da superação tecnológica dos novos modelos dos bens de consumo. Atendendo a pecha das novas tendências, somos motivados a trocar o celular, o fone de ouvido, o relógio digital, a televisão, o carro etc. Vivemos em uma sociedade de consumo que estimula o pensamento da **percebibilidade tecnológica**, nos motivando a substituir uma tecnologia adquirida por outra mais recente. Chamaremos aqui de **gula tecnológica** a esse permanente estado de considerar efêmero e transitório os artefatos implicados no *modus vivendis* do mundo que nos cerca. Embora este estado tenha conotações mais profundas e deletérias à vida contemporânea, nos limitaremos aqui a tratar daquele aspecto.

Essa gula pelo consumo tecnológico configura um mundo de aparências, do poder da imagem e das mídias em modular a forma como pensamos e agimos. Essas formas excessivas de consumir denotam esse fenômeno de gula coletiva para além do alimentar, realçado pelo alcance da fatura de opções na internet 24 horas por dia, todos os dias da semana, em diferentes regiões do planeta. Além das lojas físicas, as vendas on-line, por meio de suas ferramentas de marketing, impactam na forma como as pessoas enxergam suas necessidades. Em outras palavras, é a indústria que desenha e planeja seus produtos para atender a “massa populacional”. Mas, será que temos consciência de que somos impactados por essa indústria que nos monitora e tenta nos fazer reféns dessa gula tecnológica?

Essa persuasão ostensiva tem maior impacto entre as gerações mais jovens, cada vez mais precocemente alvo dos investimentos da indústria cultural, cada vez mais suscetíveis aos apelos de consumo que articulam modos de vida, valores e crenças como condicionantes

de aceitação e pertencimento sociais. Para compreender a necessidade geracional de substituir com brevidade seus aparatos tecnológicos, reforçando a ideia da gula tecnológica, cabe lembrar o entendimento do historiador francês Roger Chartier (2002), ao considerar dois apontamentos importantes: o primeiro deles é que os discursos são produzidos e difundidos em um espaço social específico que tem seus lugares, suas hierarquias e seus objetivos próprios. O segundo, não menos importante, é que tais discursos são constituidoras de significados e de sentidos para determinadas práticas partilhadas por um mesmo segmento grupal. Quer dizer, na lógica Chartieriana todas as formas de pensar e agir e a essência dos discursos que veiculam resultam de uma relação social com o mundo que implica em considerar as variações entre o texto e as realidades sociais, o texto e as significações e apropriações plurais, o texto e as diversas formas de transmissão e recepção (CHARTIER, 2002).

Ainda partindo de Chartier (2002), é possível aferir o *locus* desses discursos como um espaço de disputas e negociações culturais, em que uma delas apresenta configuração hegemônica. Isso significa, em nosso entendimento, que toda a indústria cultural, bem explícita na obra de Adorno (2021), reproduz um cenário perverso desenhado e atingido pela indústria cultural midiática, fortalecendo o discurso de que a necessidade de possuir tecnologias mais inovadoras promova bem-estar, sucesso pessoal e profissional. Em outras palavras, veiculam a falsa ideia de que tecnologias mais recentes abrem espaço para uma maior conexão com o mundo e com as pessoas, o que fortalece o discurso da necessidade de explorar mais e mais recursos tecnológicos, conferindo significados à gula tecnológica e alastrando sentidos múltiplos ao ato de consumir para se manter atualizado (e porque não dizer aceito e reconhecido) no bojo de uma sociedade marcada pela aquisição de produtos tecnológicos e – em certo ponto – de perda da privacidade. Em ambos os casos, revelam e justificam os discursos, as práticas de pensar e agir das novas gerações (CHARTIER, 2002).

Alinhada com tais pressupostos, cabe considerar que toda esta gama geracional para se manter atualizada pelas novas tecnologias - sobretudo pelo hábito afoito que justifica o conceito de gula tecnológica – tende a ignorar o emaranhado infodêmico que circula nos discursos midiáticos, amparados por uma sociedade consumista centrada na aquisição do novo. Isso, a nosso ver, carrega um problema: as redes sociais se tornam cada vez mais uniformizadas, buscando condicionar o usuário a ter satisfação e prazer com o acesso virtual.

Esta sociedade uniforme, tende a padronizar os comportamentos e ações digitais, consolidando uma falta de precisão e alteridade que culmina numa aparente agradabilidade. Quer dizer, uma real sociedade do *me agrada*, como pontua Byung-Chul Han (2020). Nesse caminho, entendemos que gestos mecânicos e ausentes de racionalidade fazem parte dessa agradabilidade aparente. O autor traz um exemplo intrigante ao reconhecer o desinteresse do Facebook em introduzir um *emotion* de *dislike* (o equivalente a não curtir ao invés de gostar de uma postagem). Nesse circuito, essa uniformização das formas de agir no mundo virtual evita a despadronização e amplia a velocidade na troca e disseminação de informações (HAN, 2020). Indo além, diríamos que evita a compreensão da complexidade do mundo onde se vive e desmobiliza os suportes cognitivos envolvidos na elaboração da argumentação, na construção do manancial cultural simbólico que arregimenta o novo de cada geração.

Outro ponto trazido por Han (2020) é acerca da necessidade de exposição das pessoas/mercadorias nas redes sociais. Circunscrevendo uma sociedade onde o expor é peculiar e cultural, se uma mercadoria não é exposta, perde – aos poucos ou imediatamente – o seu valor expositivo. Logo, se o que não é exposto não é visto, não carrega visibilidade e sucumbe no mundo virtual (HAN, 2020). Partindo de uma sociedade consumista, compreende-se a emergência do marketing digital em disseminar rapidamente novos recursos tecnológicos. A partir desse refluxo midiático, a necessidade de adquirir o novo, de possuí-lo, conquista. A gula pela tecnologia se acentua e o indivíduo se sente inferior por não estar atualizado. Se sente como um alienígena em plena era digital. Tendo extirpado o seu direito de pensar sobre a aquisição, as desculpas mais esdrúxulas são assumidas para justificar uma nova apropriação. O valor expositivo do produto supera a real necessidade do consumo.

Instaura-se, então, uma paixão pelo novo artefato até que outro mais novo o torne obsoleto. Uma imensidão de aplicativos acaba deixando o celular mais lento e o usuário questiona sua tecnologia. Obter o aparelho novo seduz, encanta. E o pior de tudo, é a situação dolorosa e exclusiva que as pessoas enfrentam quando lhes é imputada essa pseudonecessidade de possuir as tecnologias mais recentes, uniformizando um padrão social (HAN, 2020) que consome, sem racionalizar e que passa a aceitar, sem questionar. A indústria de telefonia, dos canais de *streaming* e dos aplicativos digitais nos apresentam

múltiplos serviços e produtos equiparados a conforto e bem-estar que, por vezes, sequer indagamos se damos conta de utilizar “confortavelmente” todas essas ferramentas. Olha a gula tecnológica ganhando terreno novamente! Quase uma paixão inconsciente (ou consciente, por que não?) pelo digital.

O que tangemos acerca da gula pelos recursos tecnológicos invade tanto o campo dos produtos quanto o dos serviços. Isso vai desde o desejo de ter um celular novo como a necessidade de possuir um novo eletrodoméstico. Extrapola, de alguma forma, apenas a dimensão da aquisição do produto. Ela aliena para o uso frequente e rotineiro que, mediante o prazer causado ou a justificativa da necessidade de comunicação, aos poucos enclausura o indivíduo em seu auto-isolamento (Figura 3).

Figura 3 – O poder sedutor da tecnologia



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/215328425921996647/>

Isso pode ser notado com facilidade quando parte das jornadas diárias são dedicadas ao uso das mídias sociais, revelando a coexistência da presencialidade em disputa com o mundo paralelo da virtualidade (MARTINS, COELHO, 2020).

Toda essa “gula” para/pelo consumo tem suas motivações, das internas – principalmente pelo prazer e atuação no sistema de recompensa cerebral – às externas – influenciados pela aprendizagem social, via cultura. Para o mercado industrializado altamente evoluído, o homem é atraído pela indústria do marketing que o seduz para o eterno prazer do consumo. Para satisfazer seus prazeres e necessidades, ele está sujeito “a fraudes e mentiras enganosas” (COELHO, M. L, 2002, p. 22).

APORTES PEDAGÓGICOS PARA UMA EDUCAÇÃO REDUTORA DOS DANOS DA GULA TECNOLÓGICA

Dado o cenário de hegemonia da indústria cultural previamente estabelecido, convém reconhecer - em princípio - duas condições: (1) a constatação de que toda a comunicação digital evolui e se expande como parte da cultura humana; e (2) a potencialidade do uso tecnológico como fomentadora de novas interfaces educativas, estabelecendo novos caminhos informativos e comunicativos na sociedade vigente.

Acerca da primeira condição, cabe lembrar as palavras de Stuart Hall (2003), ao considerar que a cultura se dá por meio do seu contexto, da realidade de vida dos seres que interagem. Quer dizer, a cultura é uma produção social, tendo sua matéria-prima, seus recursos e seu trabalho produtivo. Portanto, se pensarmos na cultura digital e nos usos comunicativos por meio das diferentes tecnologias, avançamos no entendimento de que nossas identidades culturais são mutantes, em constante movimento de formação cultural (HALL, 2003).

Estabelecida essa primeira condição, cabe reconhecer a dimensão educativa da suposta segunda condição. Nesse âmbito explorar as tecnologias se converte como caminho informativo e, ao mesmo tempo, comunicativo. Isso, a nosso ver, oferece suporte e dissemina a dinâmica cultural-digital vigente. Em outras palavras, da mesma forma que ousar lidar com as tecnologias aprimora/estimuladora novas interfaces comunicativas dentro ou fora da escola, uma atenção especial deve ser dada às práticas abusivas de tais recursos. Exatamente nesse sentido, retomamos a importância do enfoque pedagógico da Redução de Danos (RD) em diferentes situações do cotidiano.

Obras paradidáticas como o Sol na cabeça (MARTINS, 2018) e Disfarces do medo (COELHO, 2021) têm exatamente tal intuito: permitir ao leitor a simulação de situações cotidianas que perpassam episódios de prazer, violência e práticas abusivas de drogas do universo juvenil. Fogem das típicas narrativas de adestramento e pedagogia da proibição, se convertendo em canais informativos, mas não enclausurados na alienação proibicionista de pensar o prazer e o bem-estar como receitas de bolo. Especificamente no livro Disfarces do medo, há um certo destaque para as relações da juventude com os aparelhos tecnológicos e com as mídias digitais, caminhando rumo ao entendimento de que não são as práticas do

uso tecnológico que pode afetar o bem-estar, mas sim as relações de abuso que se instauram ao longo do processo.

Nessa ótica, embora reconheçamos toda a interface das novas relações via mídias digitais e seu abarcamento enquanto cultura digital, cabe a preocupação sobre como tais demandas influenciam as relações intrínsecas e interpessoais entre os seres humanos (COELHO, 2021). Quer dizer, ao mesmo tempo em que estamos fadados ao isolamento (medidas tecnofóbicas), caso recusemos amplamente o porte das inovações tecnológicas, também nos inclinamos a uma possível ausência da presencialidade, por vezes marcada pela perda real da sensibilidade. Por isso, brota a urgência das práticas educativas escolares debaterem e sensibilizarem para o uso das tecnologias e das mídias digitais, não exclusivamente educando para as tecnologias, mas, sobretudo, para as práticas redutoras de danos.

Ou seja, da mesma forma que a tecnofobia e a recusa às tecnologias podem ser alienadoras, também sua apropriação irracional e abusiva pode fomentar situações deletérias que impactam no próprio exercício de interação e construção dos elos de pertencimento ao mundo, a cidadania. Legitima-se, assim pensamos, uma educação antialienadora, que estimule a considerar as mensagens subliminares e os pretensos conteúdos de fachada divulgados pelas mídias digitais. Trata-se não apenas de uma educação crítica como uma educação para/com as tecnologias (MARTINS; COELHO, 2020), mas para a racionalidade e contra as artimanhas implantadas pela gulosa (e por vezes alienadoras!) indústria cultural das tecnologias. Nesse sentido, cabe explorar e compreender a nuance dada ao termo gula tecnológica, não descrevendo o porte da tecnologia em si, mas as relações desenfreadas (e por vezes obsessivas) de filiação a um mercado de aquisição e consumo extremamente lesivos (ADORNO, 2021).

Sinalizando um cuidado para o uso das mídias digitais e suas implicações no âmbito educativo e nos ideais democráticos da convivência social, Josh Stumpenhorst em seu livro *A nova revolução do professor: práticas pedagógicas para uma nova geração de alunos* (2020), reconhece o desafio de educar frente ao cenário do século XXI. Se por um lado a tecnologia favorece estarmos informados sobre o mundo, sua apropriação inadequada pode alienar, pensamento compartilhado por Martins e Coelho (2020). Nesse caminho, acerca do uso das tecnologias no âmbito escolar, Stumpenhorst declara que:

(...) Não podemos simplesmente presumir que isso irá de alguma forma aprimorar o ensino e o aprendizado em nossas aulas. Como professores, devemos ser cautelosos com relação a esses *objetos brilhantes e às modas* (grifo nosso), que podem servir como distrações (STUMPENHORST, 2020, p. 109).

Nessa ótica, o autor entende parte das tecnologias atuais oferecida aos jovens e à sociedade como um todo como objetos potencialmente distrativos. Quer dizer, se apoia nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICS) como objetos de brilho e luminosos que competem com as ferramentas tradicionais que a escola oferece. Para o autor, essas apropriações frenéticas de novos aparatos tecnológicos – o que aqui no artigo denominamos de gula tecnológica – se aproxima muito das oscilações e da perecibilidade do mundo da moda.

Comungando com as ideias de Stumpenhorst (2020), Martins e Coelho (2020), entendem que a escola atual vivencia muitos desafios de ordem teórica e prática. Não existe uma preparação da escola e dos seus profissionais para se pensar sobre os desafios que a escola deve enfrentar para se posicionar e realizar um trabalho consciente de questionamento de ideologias que impregnam os veículos midiáticos. Do contrário, há um certo mito de achar que tudo o que é tecnológico é bom e moderno, sobretudo as redes sociais. Mas, em que momento as mídias, as notícias, as *FakeNews* e as propagandas televisivas são trabalhadas de forma crítica e estimuladora de uma educação emancipatória? Nesse viés, os autores percebem um cenário atual da naturalização da invisibilidade da pluralidade sociocultural, que subalterniza, inferioriza e desumaniza segmentos representativos da sociedade brasileira. Nessa perspectiva, uma Educação para/com as tecnologias digitais pode ser pensada sob ótica redutora de danos, evocando a possibilidade de usos não problemáticos com as tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do manuscrito, nossa intenção foi problematizar algumas situações acerca da gula em seus diferentes aspectos, do alimentar ao tecnológico. Não questionamos o livre mercado, mas sim o **consumo tecnológico excessivo** que, pode tornar-se tornar agressivo e

abusivo. Não se trata de recusar a cultura digital ou manter-se abster-se a tal, mas de repensar o uso da tecnologia de forma reflexiva e ponderada, considerando seus riscos em potencial e estratégias de minimizar os danos de práticas abusivas.

Autores como Han (2020), Stumpenhorst (2020) e Martins e Coelho (2020) questionam exatamente o caminho do excesso para o próprio uso da tecnologia que caminha rumo à uma sociedade da uniformização menos preocupada com a diversidade e com a democracia. Diante disso, a reflexão, a compreensão das implicações dos contextos culturais (CHARTIER, 2002) e a ponderação para o uso das tecnologias são questões relevantes em nosso cenário educativo atual para serem pensadas nas atividades escolares e no âmbito da formação inicial e continuada de professores, dado o reconhecimento da cultura digital, das classes mais abastadas às de menor status social.

Dadas as interlocuções realizadas nesse artigo, não se pode desconsiderar os aportes pedagógicos acerca da apropriação tecnológica vigente e toda a complexidade cultural que ela carrega. Não se trata apenas do uso mecânico da tecnologia, mas de todo o impacto biopsicossocial e relacional com o uso das mídias. De forma invasiva, a mídia e os discursos da gula tecnológica são geracionais e pontuais. Inclina-se à alienação e à uniformização de comportamentos e padrões receitados pela interface nas mídias sociais, como bem pontuado por Han (2020).

Se nos ampararmos nos pressupostos de teóricos como Chartier (2002) e Adorno (2021), nas experiências pedagógicas de autores como Coelho (2020;2021) e Stumpenhorst (2020), estamos convencidos de que a Redução de Danos, enquanto enfoque pedagógico, reconhece e tange um caminho de equilíbrio para a exploração, manipulação e entendimento das relações cotidianas para e com as tecnologias, sobretudo do celular e dos aplicativos digitais.

No caminho que consideramos acima cabe salientar iniciativas recentes como as do Programa de Formação Continuada para Professores da Fundação CECIERJ, RJ, Brasil, que – dentre seus cursos no campo de Educação e Drogas – oferece desde 2021 o curso Educação sobre Drogas: do alimentar ao digital, com a proposta de permitir aos professores e demais profissionais de ensino momentos de refletirem acerca dos usos e abusos das tecnologias, mídias e das manipulações da indústria cultural pouco visíveis aos olhos dos educadores das escolas públicas.

Seríamos nós usuários de carteirinha em face dessa agressiva indução velada de “boas opções” para o consumo? Será que a indústria midiática não seria um lobo em pele de cordeiro? Essas são boas questões para levarmos para as escolas, sensibilizando cada vez mais os jovens. Que tal? Somos realmente capazes de refletir, ponderar e avaliar - com prudência - se precisamos daquilo de forma imediata? Podemos recusar ou – pelo menos - adiar o consumo? Ou nos resta a única possibilidade de consumir? Conhecer nossas reais necessidades e pensar duas vezes antes de ser fígado pela propaganda pode ser um bom caminho educativo.

A educação tem compromisso com a formação dos indivíduos para a vida em sociedade, sendo parte constitutiva de seu trabalho mostrar como os problemas sociais se constituem, por um lado, e como é possível enfrentá-los de modo coletivo e organizado para construir a superação das iniquidades e injustiças no caminho da transformação não apenas individual, mas social, por outro lado. As prescrições individuais de resistência ganham outra proposição e terminalidade quando consorciadas aos movimentos e mobilizações coletivas para superação do atual modelo de sociedade.

O fato é que não existem soluções, tampouco receitas para lidar com os ataques perversos e sistemáticos da mídia. Contudo, inclinar-se à abstinência da indústria cultural pode ser um caminho também alienador e, quiçá, doloroso para os imersos na sociedade da gula tecnológica. Por isso nos parece mais eficiente o exercício de compreender de forma clara as intenções das mídias e suas micro e macro influências sobre nós mesmos. Analisar cautelosamente as propagandas e questionar as reais necessidades de consumo antes da aquisição são caminhos possíveis e viáveis. Guerrear contra a indústria cultural pode ser um caminho árduo, embora sucumbir não seja a melhor estratégia. Tudo se pauta no campo do equilíbrio. Afinal, quem de nós não se nunca consumiu... que atire a primeira pedra!

Agradecimentos

Agradecemos ao Grupo de Pesquisa Educação e Drogas (GPED/UERJ), ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz (PPGEB/S/IOC/FIOCRUZ) e ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química (PEQui/UFRJ).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Wiesengrund. **Indústria cultural e sociedade**. 13ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1986.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade – uma história da alimentação**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

FLECK, Eliane Cristina; DILLMANN, Mauro. “Para a alma, & para o corpo he a gula o mais mortal peccado”: discursos religiosos e médicos sobre os entendimentos e os efeitos do consumo alimentar exagerado, Portugal, século XVIII. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 37, n. 74, p. 533-564, mai/ago 2021.

CHARTIER, Roger. **À Beira da falésia**. A História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

COELHO, Francisco. **Disfarces do medo**: da desinformação aos equívocos sobre as drogas. Curitiba: Lumus, 2021. 66p.

COELHO, Francisco; SILVA, Maria Lourdes. **Consumo e espaços pedagógicos**. 2ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020. 116 p.

MARTINS, Geovani. **Sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.120 p.

MATTOS, José. **Os aspectos socioculturais dos transtornos alimentares na constituição da subjetividade de mulheres portadoras destes distúrbios**. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 187. 2006.

STUMPENHORST, Josh. **A nova revolução do professor**: práticas pedagógicas para uma nova geração de alunos. Rio de Janeiro: Vozes, 2020. 225 p.

Data do envio: 31/05/2022.
Data do aceite: 20/07/2022.